

A PRÁTICA DA MUSICOPSICOTERAPIA EVIDENCIADA EM ARTIGOS DO *BRAZILIAN JOURNAL OF MUSIC THERAPY* ENTRE 1996 E 2010

*The practice of Music Psychotherapy evidenced in articles of the Brazilian Journal of Music
Therapy between 1996 and 2010*

*La práctica de la Musicopsicoterapia evidenciada en artículos del Brazilian Journal of Music
Therapy entre 1996 y 2010*

Ítalo Mazoni dos Santos Gonçalves¹, Frederico Gonçalves Pedrosa²

Resumo - Para ampliar nossa compreensão sobre as relações entre Musicoterapia e Psicoterapia, investigamos como a Musicopsicoterapia estaria presente em artigos acadêmicos sobre a prática de musicoterapeutas junto a pessoas com algum tipo de transtorno mental, adoecimento ou dificuldade psicológica. Para tanto nos apoiamos teoricamente na proposta de Bruscia (1998), que identificou quatro níveis de Musicopsicoterapia de acordo com o grau de uso do discurso verbal no processo musicoterapêutico. Assim como recorremos ao trabalho de Wheeler (1983), que estabeleceu três tipos de prática musicopsicoterápica a partir dos objetivos relacionados ao uso da palavra. Neste sentido considerando nossa pergunta inicial, as referências bibliográficas estudadas e o percurso metodológico sugerido pela Análise Temática de Braun e Clarke (2006), optamos por analisar os artigos publicados no *Brazilian Journal of Music Therapy*³ entre os anos de 1996 e 2010. Assim, concluímos que a *Musicoterapia como forma de psicoterapia* e a *Musicopsicoterapia em seus diversos níveis e tipos de prática* estiveram presentes nas publicações deste periódico entre os anos de 1996 e 2010. Este achado nos confirmou a forte relação entre Musicoterapia e Psicoterapia, assim como nos proporcionou maior clareza quanto à prática da Musicopsicoterapia.

Palavras-chave: musicoterapia, musicopsicoterapia, psicoterapia, saúde mental.

Abstract - To broaden our understanding of the relationship between Music Therapy and Psychotherapy, we investigated how Music Psychotherapy would be present in academic articles on the practice of music therapists with people with some type of mental disorder, illness or psychological difficulty. In order to do this, we assumed Bruscia (1998)'s, proposal theoretical, who identified four levels of Music Psychotherapy according to the degree of use of verbal speech in the music therapy process. As well as resorting to the work of Wheeler (1983), who propose three types of music psychotherapeutic practice from the objectives related to the use of the word. In this sense, considering our initial question, the bibliographic references studied and the methodological approach suggested by the Thematic Analysis of Braun and Clarke (2006), we chose to analyze the articles published in the *Brazilian Journal of Music Therapy* between 1996 and 2010. We conclude that *Music Therapy as a form of psychotherapy* and *Music Psychotherapy in its different levels and types of practice* were present in the publications of this journal between 1996 and 2010. This finding confirmed the strong relationship between Music Therapy and Psychotherapy, as well as provided us with greater clarity regarding the practice of Music Psychotherapy.

1Bacharel em Música com Habilitação em Musicoterapia (UFMG); graduado em Psicologia (UFBA). <http://lattes.cnpq.br/5145042277339381>. E-mail: italomazoni@gmail.com.

2Doutorando em Música (UFMG); Mestre em Música (UFPR); Bacharelado em Musicoterapia. <http://lattes.cnpq.br/9227138663195042>. E-mail: frederico.musicoterapia@gmail.com.

3 Atual nome da então Revista Brasileira de Musicoterapia, publicação iniciada em 1995 e cujo nome mudou em março de 2021.

Keywords: music therapy, music psychotherapy, psychotherapy, mental health.

Resumen - Para ampliar nuestra comprensión de la relación entre Musicoterapia y Psicoterapia, investigamos cómo la Musicopsicoterapia estaría presente en artículos académicos sobre la práctica de musicoterapeutas con personas con algún tipo de trastorno mental, enfermedad o dificultad psicológica. Para ello, se asumió la propuesta teórica de Bruscia (1998), quien identificó cuatro niveles de Musicopsicoterapia según el grado de uso del discurso verbal en el proceso musicoterapéutico. Así como recurriendo al trabajo de Wheeler (1983), quien propone tres tipos de práctica psicoterapéutica musical a partir de los objetivos relacionados con el uso de la palabra. En este sentido, teniendo en cuenta nuestra pregunta inicial, las referencias bibliográficas estudiadas y el enfoque metodológico sugerido mediante el Análisis Temático de Braun y Clarke (2006), optamos por analizar los artículos publicados en el *Brazilian Journal of Music Therapy* entre 1996 y 2010. Así, concluimos que la *Musicoterapia como forma de psicoterapia* y la *Musicopsicoterapia en sus diferentes niveles y tipos de práctica* estuvieron presentes en la producción de este periódico entre 1996 y 2010. Este hallazgo confirmó la fuerte relación entre Musicoterapia y Psicoterapia, como así como también nos proporcionó una mayor claridad respecto a la práctica de la Musicopsicoterapia.

Palabra clave: musicoterapia, musicopsicoterapia, psicoterapia, saúde mental.

1. Introdução

Musicoterapia é uma forma de psicoterapia? Eis um questionamento que passara pela cabeça do primeiro autor deste trabalho quando decidiu ingressar no curso de graduação em Musicoterapia. Mal sabia ele que a resposta a esta pergunta não seria tão facilmente respondida ao longo de mais de quatro anos de faculdade. Talvez porque na instituição em que estudou o percurso formativo era fortemente orientado pelo modelo da Musicoterapia Neurológica. Assim, a graduação para ele foi um período de reordenamento de expectativas. Um “longo inverno” onde se perguntava sobre como a Musicoterapia poderia ser integrada a sua prática enquanto psicólogo clínico e Gestalt-terapeuta. Não por acaso o tema deste trabalho é justamente a relação entre Musicoterapia e psicoterapia, campos que se assemelham no mínimo por terem uma ampla variedade de práticas possíveis de serem oferecidas aos seus clientes ou pacientes (Wheeler, 1983, p.9).

Começamos então pelas demarcações. Se por um lado a Musicoterapia possui diversas formas de definição, por outro todas elas guardam uma lógica semelhante àquela contida na delimitação de psicoterapia: a pressuposição de um profissional (musicoterapeuta/psicoterapeuta) que utiliza uma ferramenta (música/palavra), de forma sistemática (processo/método) para ajudar uma pessoa (cliente ou paciente) a estabelecer níveis satisfatórios de equilíbrio individual (otimização da saúde/alívio do sofrimento psíquico). O que pode ser verificado quando colocamos as duas definições lado a lado, como a seguir.

Musicoterapia é um processo reflexivo onde o terapeuta ajuda o cliente a otimizar sua saúde, usando variadas facetas da experiência musical e as relações formadas através desta como o ímpeto para a transformação. Como definido aqui, a Musicoterapia é o componente de prática profissional da disciplina, que informa e é informado pela teoria e pela pesquisa (Bruscia, 2016, Cap.4).

Psicoterapia é um método de tratamento que utiliza meios psicológicos, em especial a comunicação verbal, mediante os quais um profissional treinado – o terapeuta – busca deliberadamente influenciar um cliente ou paciente, que o procura com a finalidade de obter alívio para um sofrimento de natureza psíquica. (...) Distingue-se de outras modalidades de tratamento por ser muito mais uma atividade colaborativa entre o paciente e o terapeuta do que uma ação, predominantemente unilateral, exercida por alguém sobre outra pessoa (...) (Cordioli Grevet, 2019, Cap.2).

Desta interseção entre as duas práticas terapêuticas emergiu nosso afã acadêmico por compreender mais sistematicamente as relações intrínsecas e possíveis entre a Musicoterapia

e a psicoterapia. Esta questão também foi perseguida por Barcellos (2004, p.09) quando questionou se “toda a Musicoterapia é uma psicoterapia?” ao problematizar o lugar da música na prática musicoterapêutica. Assim, optamos por investigar inicialmente a abordagem musicoterapêutica denominada de Musicopsicoterapia (Wheeler, 1983; Benenzon, 1985; Smeijsters, 1993; Bruscia, 1998; Ruud 2009; Barcellos, 2009).

Partimos então da premissa de que a prática ou “o fazer”, por assim dizer, de uma Musicopsicoterapia estaria de alguma maneira inscrita, ainda que possivelmente não nomeada, em artigos acadêmicos sobre a atuação do musicoterapeuta. Por isso, elegemos como principal objetivo nesta pesquisa compreender como a Musicoterapia, enquanto uma forma de psicoterapia aparece em trabalhos acadêmicos sobre a atuação do musicoterapeuta junto a pessoas com algum tipo de transtorno mental, adoecimento ou dificuldade psicológica.

1.1. Musicopsicoterapias perspectivas de Wheeler e Bruscia

A Musicoterapia tem um campo de atuação abrangente que pode ser dividido em seis áreas principais: didática, médica, cura, psicoterapêutica, recreativa e ecológica (Bruscia, 2016). No que concerne à área psicoterapêutica, a prática do musicoterapeuta está centrada na utilização da música com objetivos terapêuticos necessariamente psicológicos. E aqui já estamos falando da *Musicopsicoterapia* que é o tratamento das questões psíquicas por meio da utilização da música, tal como nos apresenta Bruscia (1998).

A Musicopsicoterapia é definida pelo uso de experiências musicais em adição ou no lugar dos tipos tradicionais de discurso verbal. Especificamente, o terapeuta e o cliente criam e ouvem música como meio principal de comunicação e relacionamento, assim como a utilizam para alcançar objetivos terapêuticos, complementando essas experiências com discurso verbal, conforme necessário. Em suma, a psicoterapia musical é o uso de experiências musicais para facilitar o processo interpessoal do terapeuta e do cliente, bem como o próprio processo de mudança terapêutica (Bruscia, 1998, p.2, tradução nossa).

Conforme inicialmente discutimos, Musicoterapia e psicoterapia têm como pontos comuns uma prática onde um profissional utiliza uma ferramenta de modo processual, almejando obter como resultado uma mudança que seja considerada benéfica pelo seu cliente. Neste sentido a Musicopsicoterapia então se caracteriza pelo uso em maior ou menor grau do discurso verbal. Nesta direção, considerando que a psicoterapia se distingue exatamente pelo uso da palavra, conforme Smeijsters (1993).

Em geral, a psicoterapia pode ser considerada uma forma de terapia que faz uso de conversas ou ações acompanhadas da linguagem falada. Como a fala e o conceito de linguagem estão intimamente relacionados à consciência e ao pensamento, as condições para o tratamento psicoterapêutico incluem a compreensão da linguagem, a capacidade e o desejo de se expressar na linguagem e a capacidade de ter pensamentos formais e significativos (Smeijsters, 1993, p.225, tradução nossa).

E que na Musicopsicoterapia o terapeuta e o cliente usam tanto as experiências musicais como o discurso verbal para estabelecer uma relação terapêutica (Bruscia, 2016, Cap.24), deduzimos que para atingir nosso objetivo precisaríamos identificar como musicoterapeutas utilizam o discurso verbal associado às técnicas musicoterapêuticas e experiências musicais. Procuramos por tanto subsidiar nossa investigação e análise a partir de dois eixos de compreensão da Musicopsicoterapia.

O primeiro eixo que adotamos foi desenvolvido por Bruscia (1998) e entende que a prática psicoterápica da Musicoterapia pode variar considerando o maior ou menor uso do discurso verbal como forma de mediar à relação terapêutica. O autor propõe uma classificação da Musicopsicoterapia em um espectro de quatro níveis, segundo o uso da música e do discurso verbal no processo musicopsicoterapêutico. Sendo os seguintes:

Música como psicoterapia: A questão terapêutica é acessada, elaborada e resolvida primariamente por meio da experiência musical, com o mínimo ou mesmo nenhum discurso verbal.

Psicoterapia centrada na música: A questão terapêutica é acessada, elaborada e/ou resolvida por meio da experiência musical; o discurso verbal é utilizado para guiar, interpretar ou enriquecer a experiência musical e sua relevância para o cliente e para o processo terapêutico.

Música em Psicoterapia: A questão terapêutica é acessada, elaborada e/ou resolvida por meio das experiências musicais e verbais ocorrendo alternadamente ou simultaneamente. A música é utilizada por suas qualidades não verbais e por sua relação de pertinência com a questão terapêutica e seu tratamento; o discurso verbal é utilizado para identificar e consolidar insights obtidos durante o processo.

Psicoterapia Verbal com Música: A questão terapêutica é acessada, elaborada e/ou resolvida primariamente no discurso verbal; a experiência musical é utilizada para facilitar ou enriquecer o diálogo, mas não é considerada correlacionada à questão terapêutica ou tratamento.

Por sua vez Barbara Wheeler (1983) desenvolveu o outro eixo de compreensão da Musicopsicoterapia que utilizaremos. A autora apresentou uma classificação para a prática da Musicoterapia focada em objetivos psicoterapêuticos, tendo por base a classificação sugerida por Wolber (1977) para os tipos de psicoterapia. Segundo ela “os procedimentos da Musicoterapia podem ser colocados em certas categorias de acordo com a forma como a música é empregada e como a consciência dos sentimentos e as discussões sobre os sentimentos contribuem para a terapia” (Wheeler, 1983, p.12, tradução nossa). Para a autora, a Musicoterapia pode ser delimitada considerando três tipos de atuação: *Musicoterapia como terapia de atividade*; *Musicoterapia de insight com objetivos reeducativos*; e *Musicoterapia de insight com objetivos reconstrutivos*. Assim como detalhamos abaixo.

Musicoterapia como terapia de atividade: os objetivos de mudança no comportamento são alcançados através de atividades terapêuticas, com o uso da palavra centrado na atividade em si. Compreender o porquê de determinados comportamentos não é uma meta para este nível de Musicoterapia. As atividades musicais são organizadas para que a pessoa possa explorar seu comportamento de forma direcionada, inclusive com o eventual processamento verbal da atividade sendo direcionado somente para o que foi experimentado na atividade, sem um aprofundamento nos sentimentos trazidos pela atividade ou pela própria interação verbal.

Musicoterapia de insight com objetivos reeducativos: a verbalização posterior à atividade ganha maior importância para o processo terapêutico. A música pode ser utilizada por suas propriedades únicas para despertar reações emocionais ou cognitivas importantes para a terapia. O foco maior está nos sentimentos e na discussão que leva ao insight e a melhora almejada pelo cliente. Nesta modalidade os sentimentos acessados no processo são aqueles mais próximos da consciência do cliente (tanto os pessoais quanto os advindos da relação com o terapeuta), passíveis de serem percebidos através da atenção naquilo que ocorre no aqui-e-agora. Tanto os aspectos musicais quanto verbais do processo têm por objetivo levar o cliente a examinar os modos pelos quais ele se relaciona consigo mesmo e com as outras pessoas.

Musicoterapia de insight com objetivos reestruturativos: as técnicas de Musicoterapia são utilizadas para evocar aspectos inconscientes do cliente, os quais são trabalhados com objetivo de promover a reorganização da personalidade. A meta é trabalhar com situações que foram vividas ou resolvidas de forma inadequada ao longo do desenvolvimento da pessoa. A distinção entre a Musicoterapia de insight com objetivos reestruturativos e a Musicoterapia de insight com objetivos reeducativos está basicamente no nível de aprofundamento em relação aos aspectos mais conscientes e aqueles inconscientes, evocados pela música, sendo a utilização do discurso verbal parte essencial do processo em ambos os níveis (Figura 1).



Figura 1: Relações entre as teorias de Bruscia (1998) e Wheeler (1983) sobre Musicopsicoterapia. Fonte: Autores (2022)

Estes dois eixos de compreensão da prática musicopsicoterapêutica possuem grande convergência. Ambos se inserem em um espectro delimitado, por um extremo, pela “Música como psicoterapia” e a “Musicoterapia como terapia de atividade” e por outro pela “Psicoterapia Verbal com Música” e a “Musicoterapia de insight com objetivos reestruturativos”. Em uma extremidade do espectro o musicoterapeuta conduz o processo terapêutico essencialmente utilizando técnicas musicoterapêuticas e as experiências musicais como mediadoras da relação terapêutica, na outra extremidade ele enfatiza a utilização das experiências verbais em profundidade como *condição sinequa non* para o alcance dos objetivos terapêuticos.

Uma última consideração sobre a relação entre os dois modelos de compreensão é que segundo o musicoterapeuta Dr. Renato Tocantins Sampaio (comunicação pessoal, dezembro, 2021) o professor Bruscia teria dito em um curso presencial, no ano de 2000, que a atuação do musicoterapeuta centrada nos níveis um (1) e dois (2) parecem indicar uma prática mais propriamente no campo da Musicoterapia. Na medida em que o profissional concentra seus esforços nos níveis três (3) e quatro (4), ele se encontra no limite entre a Musicoterapia e a psicoterapia verbal, necessitando assim, até para preservar sua identidade profissional e os limites éticos da profissão, de “treinamento clínico avançado e de amplo conhecimento sobre dinâmicas psíquicas e psicopatologia, além de sólida formação teórica e prática, incluindo supervisão” (Wheeler, 1983, p.11).

2. Metodologia

Considerando o referencial teórico adotado para delimitar a Musicopsicoterapia, assim como a premissa de que os contornos desta prática poderiam ser identificados em textos acadêmicos, escolhemos utilizar em nosso percurso metodológico os princípios da Análise Temática (AT), conforme sistematização proposta por Braun e Clarke (2006). Optamos por esta metodologia porque “a análise temática fornece uma ferramenta de pesquisa flexível e útil, que pode potencialmente prover um relato de dados rico e detalhado, assim como complexo” (Braun e Clarke, 2006, p.5, tradução nossa). Portanto, apesar de nos guiarmos pelos passos das citadas autoras, buscamos adaptar os procedimentos de análise a nossa pesquisa, considerando que “existem mais de 30 abordagens de Análise Temática em termos de procedimento e metodologia” (Braun e Clarke, 2017 em Reses e Mendes, 2021, p.16).

Um “tema” é um construto que “capta algo relevante sobre os dados em relação à pergunta de pesquisa” (Souza, 2019, p.54). Assim, a AT trata-se de um conjunto de procedimentos “para identificar, analisar e relatar padrões (temas) inerentes aos dados” (Braun e Clarke, 2006, p.6, tradução nossa), o que “envolve a busca em um conjunto de dados – seja uma série de entrevistas ou grupos focais, ou uma série de textos – para encontrar padrões repetidos de significado” (p.15).

Neste sentido, nossa opção dentro da metodologia foi realizar uma Análise Temática dedutiva ou teórica, que busca selecionar e analisar os dados a partir de categorias ou temas preestabelecidos pela fundamentação teórica adotada. Ou seja, fizemos uma análise em nível semântico, que buscou significados explícitos no corpo de dados, organizando-os em uma

tentativa de teorizar sobre os padrões encontrados e suas implicações mais amplas, em relação à literatura previamente estudada e ao objetivo do estudo. (Braun e Clarke, 2006). Por isso, caminhamos, *dos* temas informados pela teoria e perguntas de pesquisa, *para* os itens, extratos de dados e códigos provenientes das teorias sobre Musicopsicoterapia, e, portanto, indicativos de padrões repetitivos capazes de responder às nossas indagações.

Em termos práticos inicialmente formulamos nossa pergunta de pesquisa assim como delimitamos nosso objetivo de trabalho. A partir deste norte identificamos as referências teóricas que nos serviriam de base, no caso os textos de Bruscia (1998) e Wheeler (1983). Após o estudo detalhado das definições propostas por estes autores, balizamos os temas a serem analisados no corpo de dados que coletaríamos.

Posteriormente identificamos como um conjunto de dados que poderia responder ao nosso problema, os artigos publicados na Revista Brasileira de Musicoterapia (*Brazilian Journal of Music Therapy* - BRJMT). Esta opção nos pareceu pertinente visto que a BRJMT se confunde com parte da história da Musicoterapia no Brasil, sendo a única publicação exclusivamente sobre Musicoterapia do país. Além de ser “o periódico de Musicoterapia onde a maioria dos musicoterapeutas difunde sua produção” (Barcellos, 2016, p.26) e também aquele que contribui com o “campo na medida em que divulga e socializa o conhecimento de novos conceitos, novos métodos e abordagens e novas possibilidades de fundamentação da área” (Barcellos, 2016, p.35).

Quanto ao recorte temporal, circunscrevemos os textos publicados entre os anos de 1996 (1ª edição da BRJMT) e 2010. Esta demarcação foi adotada por se adequar ao recurso “tempo” disponível para nosso trabalho. Entretanto é importante destacar que no ano de 2010 o periódico passou a constar em uma base indexadora de periódicos científicos, o que marca um salto de qualidade para a Revista (Barcellos, 2016).

Após essa delimitação, realizamos a leitura dos oitenta e quatro (84) artigos publicados no período de análise, tomando nota sobre o que estava presente e era interessante nos dados. Já na segunda etapa, buscamos selecionar os artigos de acordo com seus significados em relação à nossa pesquisa, o que representou a exclusão de: a) Trabalhos com objetivos terapêuticos estritamente direcionados a aspectos fisiológicos ou físicos dos participantes; e b) Trabalhos que não tivessem proximidade com o tema: Atuação do musicoterapeuta junto a pessoas com algum tipo de transtorno mental, adoecimento ou dificuldade psicológica.

Feita esta seleção obtivemos os itens de dados (artigos em nosso caso) e passamos a efetivamente buscar por referências e extratos de dados (segmentos de texto) onde fosse possível distinguir a utilização do discurso verbal no processo musicoterapêutico. A partir dos itens e extratos de dados realizamos o processo de codificação. No caso dos textos teóricos, propusemos palavras que sintetizassem a relação dos dados com o tema *Musicoterapia como forma de psicoterapia*. E no caso dos textos práticos, relacionamos os códigos representativos dos níveis e tipos de Musicopsicoterapia com o tema *Musicopsicoterapia segundo o uso do discurso verbal*.

3. Resultados

Ao realizarmos a leitura e releitura dos oitenta e quatro (84) artigos publicados entre os anos de 1996 e 2010 pela BRJMT, identificamos vinte e oito (28) trabalhos de caráter prático (relatos clínicos, de experiência ou baseados em pesquisa) e cinquenta e seis (56) textos teóricos (ensaios e articulações teóricas sobre Musicoterapia). Este processo nos levou a um conjunto de vinte nove (29) artigos (itens de dados) relacionados ao nosso objeto de pesquisa, sendo vinte (20) textos com conteúdo prático e nove (9) teóricos.

Nos nove (9) artigos teóricos analisados, confirmamos a existência do tema Prática da Musicoterapia como forma de Psicoterapia, sendo identificadas as seguintes referências com maior recursividade: *Música e psicologia; Música e psique; Embasamento psicológico; Musicoterapia é psicoterapia; Psicomusicoterapia; Psicoterapia; Abordagens psicoterápicas; Técnica psicoterápica; Identidade; Equilíbrio psíquico; Expressão e elaboração de conteúdos; Autoconhecimento; Busca da consciência; Personalidade; e Manifestação de papéis*. Além disso, verificamos a repetição de termos como: *Psicanálise; Psicologia analítica; Elementos simbólicos; Transferência; Contratransferência; Inconsciente; Mecanismos de defesa; associação livre; e Psicopatologia*. O que indicou nos dados a presença de um subtema que denominamos de *Musicoterapia e Psicanálise*.

Em relação aos vinte (20) artigos de caráter prático, os índices previamente informados pela teoria nos demonstraram a existência do tema estabelecido pela fundamentação teórica: *Prática da Musicopsicoterapia segundo o nível e tipo de uso do discurso verbal*. Nesta direção, considerando a definição de Bruscia (1998), identificamos doze (12) trabalhos onde a prática da Musicopsicoterapia pode ser classificada no Nível um (1) - Música como Psicoterapia. Além disso, seis (6) artigos apresentaram elementos da

prática musicopsicoterapêutica em Nível dois(2) - Psicoterapia centrada na música. Somente dois (2) trabalhos apresentaram elementos da prática musicopsicoterapêutica em Nível três (3) - Música em Psicoterapia. E, por fim, não identificamos nenhum trabalho onde a prática musicoterapêutica pudesse ser categorizada como Musicopsicoterapia de Nível quatro (4) - Psicoterapia Verbal com Música.

No que concerne à definição de Barbara Wheeler (1983), localizamos doze (12) artigos onde foi possível distinguir a Musicoterapia como terapia de atividade, e oito (8) onde a Musicoterapia de insight com objetivos reeducativos foi constatada. A prática da Musicoterapia de insight com objetivos reconstrutivos não foi identificada em nenhum artigo.

A seguir apresentamos a descrição de duas tabelas e excertos correspondentes⁴ onde sistematizamos nosso processo de análise e os achados de pesquisa. Na “Tabela 1 (excerto): Análise Temática sobre a Prática da Musicoterapia como forma de psicoterapia em textos teóricos da BRJMT de 1996 a 2010” analisamos os textos teóricos. A primeira coluna identifica os artigos que compõem nosso corpo de dados. A segunda coluna apresenta os segmentos textuais destacados por conterem referências ao tema em análise. Na terceira coluna “Características da Musicoterapia como forma de Psicoterapia” apresentamos os códigos estabelecidos por nós e que sintetizam elementos da prática musicopsicoterapêutica verificada em cada texto. Na última coluna traçamos uma breve relação entre o tema em análise e o que foi observado em cada texto.

Na “Tabela 2 (excerto): Análise Temática sobre a Prática da Musicopsicoterapia segundo o nível e tipo de uso do discurso verbal em textos práticos da BRJMT de 1996 a 2010” realizamos a análise dos textos de caráter prático. Aqui a primeira coluna também identifica os artigos que analisamos. Já na segunda coluna realizamos uma brevíssima síntese do artigo. Na terceira coluna, assim como na tabela anterior, apresentamos segmentos de texto onde verificamos a utilização do discurso verbal na prática MT. E, por fim, nas duas últimas colunas apresentamos os códigos advindos da teoria de Bruscia (Códigos 1) e da teoria de Wheeler (Códigos 2), com os quais classificamos os níveis e tipos de Musicopsicoterapia identificados em cada texto.

⁴Para tornar a texto mais fluído optamos por apresentar aqui somente a primeira linha de cada tabela, com o objetivo de dar maior clareza à metodologia empregada. As tabelas completas com os registros de análise e com todos os títulos dos textos analisados podem ser acessadas pelo link: <https://bit.ly/3kEpAgV>

Artigos (Itens de dados)		Segmentos de texto representativos Prática da Musicoterapia como forma de Psicoterapia (Extratos de dados)	Características da Musicoterapia como forma de Psicoterapia (Códigos)	O que estes dados acrescentam para compreensão do tema Prática da Musicoterapia como Psicoterapia
Autoras (res) e Ano	Nome do Artigo			
Barcellos e Santos (1996)	A Natureza Polissêmica da Música e Musicoterapia	<p>O Dr. Benenson não defendia a "desimportância" da música. Muitos, no entanto, enfatizaram, na sua leitura, o aspecto da "especial predisposição e sensibilidade para facilitar a comunicação musical", esquecendo de todo o resto. A ênfase na "relação" desviou o centro dos estudos da música para a psicologia colocando em risco a própria identidade da Musicoterapia. Com isso, estudar música se tornou secundário, para muitos, em relação à necessidade de um embasamento médico e psicológico (p. 9).</p> <p>Muitas vezes, os musicoterapeutas empregam música gravada, sem, aparentemente, nortear sua escolha por qualquer critério. Essa música parece ser utilizada de forma aleatória sem maiores considerações sobre as necessidades ou desejos do paciente o que caracteriza, ao nosso ver, uma situação perigosamente próxima de um procedimento iatrogênico (p. 17).</p>	<p>Música e psicologia</p> <p>Relação terapêutica</p> <p>Embasamento psicológico</p> <p>Uso iatrogênico da música por musicoterapeuta</p>	<p>A autora e o autor apresentam crítica à prática musicoterapêutica com ênfase em aspectos psicológicos, em detrimento a uma centralizada na música. Isso expõe uma tensão no campo da musicoterapia em relação aos limites da disciplina. Pois aparentemente a prática MT com uma excessiva ênfase em aspectos psicológicos poderia extrapolar os limites entre a MT e outras áreas do conhecimento, a depender da qualidade de formação do profissional MT.</p>

Tabela 1 (Excerto): Análise Temática sobre a Prática da Musicoterapia como forma de psicoterapia em textos teóricos da BRJMT de 1996 a 2010. Fonte: autores (2022)

Artigos (Itens de dados)		Segmentos de texto representativos Prática da Musicoterapia como forma de Psicoterapia (Extratos de dados)	Características da Musicoterapia como forma de Psicoterapia (Códigos)	O que estes dados acrescentam para compreensão do tema Prática da Musicoterapia como Psicoterapia
Autoras (res) e Ano	Nome do Artigo			
Barcellos e Santos (1996)	A Natureza Polissêmica da Música e Musicoterapia	<p>O Dr. Benenson não defendia a "desimportância" da música. Muitos, no entanto, enfatizaram, na sua leitura, o aspecto da "especial predisposição e sensibilidade para facilitar a comunicação musical", esquecendo de todo o resto. A ênfase na "relação" desviou o centro dos estudos da música para a psicologia colocando em risco a própria identidade da Musicoterapia. Com isso, estudar música se tornou secundário, para muitos, em relação à necessidade de um embasamento médico e psicológico (p. 9).</p> <p>Muitas vezes, os musicoterapeutas empregam música gravada, sem, aparentemente, nortear sua escolha por qualquer critério. Essa música parece ser utilizada de forma aleatória sem maiores considerações sobre as necessidades ou desejos do paciente o que caracteriza, ao nosso ver, uma situação perigosamente próxima de um procedimento iatrogênico (p. 17).</p>	<p>Música e psicologia</p> <p>Relação terapêutica</p> <p>Embasamento psicológico</p> <p>Uso iatrogênico da música por musicoterapeuta</p>	<p>A autora e o autor apresentam crítica à prática musicoterapêutica com ênfase em aspectos psicológicos, em detrimento a uma centralizada na música. Isso expõe uma tensão no campo da musicoterapia em relação aos limites da disciplina. Pois aparentemente a prática MT com uma excessiva ênfase em aspectos psicológicos poderia extrapolar os limites entre a MT e outras áreas do conhecimento, a depender da qualidade de formação do profissional MT.</p>

Tabela 2 (Excerto): Análise Temática sobre a Prática da Musicopsicoterapia segundo o nível e tipo de uso do discurso verbal em textos práticos da BRJMT de 1996 a 2010. Fonte: autores (2022).

4. Discussão

Obtivemos resultados abrangentes no que concerne à compreensão da prática da Musicopsicoterapia no Brasil entre os anos de 1996 e 2010, conforme dados encontrados nos artigos publicados na BRJMT. Além disso, o desenho da pesquisa nos possibilitou uma visão geral sobre a produção acadêmica no campo da Musicoterapia daquele período. Chamou-nos atenção, no quantitativo geral de materiais, oitenta e quatro (84), a prevalência duas vezes maior de artigos teóricos, cinquenta e seis (56) - ensaios e articulações teóricas sobre Musicoterapia - em relação aos artigos de caráter prático, vinte e oito (28) - relatos clínicos, de experiência ou baseados em pesquisa. Este dado se aproxima do encontrado por Barcellos (2016) quando fez um trabalho de “revisão histórica” de todos os textos da BRJMT. Sobre isto, a análise dos textos nos deu a impressão de que neste período as publicações da Revista - em termos de produção de conhecimento - estavam mais centradas na articulação de bases teóricas do que em pesquisa aplicada ou empírica. Este dado nos levou a refletir sobre a importância da produção teórica para a constituição do campo da Musicopsicoterapia em nosso país. Pois se, por um lado, a utilização da música como forma de terapia é algo antiquíssimo, por outro a Musicoterapia como campo cientificamente embasado é algo relativamente recente. Portanto, nos parece que a construção de um campo de atuação para Musicopsicoterapia no Brasil dificilmente ocorrerá sem que haja o efetivo empenho dos musicoterapeutas no desenvolvimento de bases teóricas consistentes para a prática.

No que tange aos aspectos formais dos artigos publicados naquele período, observamos a ausência de resumo na maior parte dos textos, além de pouca adesão dos autores em relação aos elementos textuais próprios da escrita acadêmica⁵. Também verificamos a forte presença da escrita na forma de ensaio onde “há maior liberdade por parte do autor, no sentido de defender determinada posição sem que tenha de se apoiar no rigoroso e objetivo aparato de documentação empírica e bibliográfica” (Severino, 2014, pp.180-181).

Passando para os resultados diretamente relacionados ao nosso objeto de pesquisa, a história contada pelos dados começa pela confirmação de que o tema *Prática da Musicoterapia como forma de psicoterapia* esteve presente na produção textual deste periódico entre os anos de 1996 e 2010. O que pode ser constatado em diversos trechos dos artigos teóricos analisados, como nos dois exemplos a seguir: “Desta inquietude, sugiro

5 Importante ressaltar que somente a partir do ano de 2001, na edição de número 5, o BRJMT estabeleceu normas para submissão de trabalhos, assim como passou a dispor de um Conselho Editorial formado por seis musicoterapeutas para avaliação às cegas dos artigos submetidos para publicação (Barcellos, 2016, p.39).

termos novos, como "determinismo musicoterápico", "psicomusicoterapia" e a ideia de a psicomusicoterapia vir a ser reconhecida como um suporte para a psicoterapia contemporânea” (Jesus, 1996a, p.57).

Um estímulo musical aplicado a um paciente pode produzir efeitos motores, sensoriais e afetivos, porém estas respostas não configuram a Musicoterapia. Musicoterapia é uma psicoterapia que utiliza o movimento, o som, a música e os instrumentos corporo-sonoro-musicais para produzir uma relação (vínculo) entre musicoterapeuta e paciente, ou grupos de pacientes, visando melhorar a qualidade de vida dos mesmos (Benenzon, 1996, p.79).

Estes e outros extratos textuais nos levaram a um campo semântico⁶ de palavras e expressões como “Música e psicologia”, “Abordagens psicoterápicas”, e “Autoconhecimento” que nos informam sobre uma Musicoterapia fortemente ligada a conceitos da Psicologia. Ademais, a investigação do material mostrou que a prática da Musicoterapia como psicoterapia naquele período gravitava fortemente em torno da orientação psicodinâmica. O que ficou claro nas palavras ou expressões semanticamente produzidas pela análise, tais como: “Psicanálise”; “Psicologia analítica”; “Elementos simbólicos”; “Transferência”; “Contratransferência”; “Inconsciente”; “Mecanismos de defesa”; e “associação livre”.

A seguir, apresentamos os resultados de nossa análise relacionando diretamente os nove (9) textos teóricos com nosso objeto de investigação: a relação entre Musicoterapia e psicoterapia.

No texto de Barcellos e Santos (1996) a autora e o autor apresentam uma contundente crítica à Musicoterapia brasileira, sugerindo que a mesma naquele momento daria maior prioridade aos aspectos psicológicos do que aos aspectos musicais da prática musicoterapêutica. Este posicionamento expõe uma tensão aparentemente presente no campo da prática musicoterápica, no que tange aos limites da disciplina. Talvez porque uma atuação do profissional musicoterapeuta com ênfase em aspectos de outro campo de conhecimento (como a psicologia) poderia levá-lo, dependendo da qualidade e profundidade de sua formação, a uma extrapolação dos limites entre a MT e outras áreas do conhecimento.

Sobre os textos de Benenzon (2001) e Hugo e Schapira (2004) ambos fortaleceram a compreensão de que prática da Musicopsicoterapia erguera suas bases sobre a abordagem psicanalítica.

⁶Campo semântico é o “um conjunto de palavras associadas a uma ideia, identificando-se com o momento histórico, os dialetos e as situações de uso da linguagem” (Abrahão, 2018, p.116).

Os outros seis (6) textos teóricos restantes nos trouxeram os seguintes elementos para compreensão da Musicopsicoterapia: Lapoujade e Lecourt (1996) definiram Musicoterapia dentro de um contexto histórico como uma forma de modificar o comportamento humano, sobretudo em relação à saúde mental, dando força à ideia de que a Musicoterapia e Musicopsicoterapia estão historicamente relacionadas; Schembri (1996) trabalhando com mulheres adultas e não portadoras de transtorno mental apresentou um raciocínio clínico que visava facilitar nas clientes a consciência dos papéis assumidos na vida, promovendo, assim, saúde mental. Em um processo que pode ser identificado como Musicopsicoterapêutico Jesus (1996a) propõe uma relação direta entre Musicoterapia e Psicoterapia e se pergunta ao final do texto se não “estariamos desenvolvendo a psicomusicoterapia?”; Benenson (1996) define a Musicoterapia como uma Psicoterapia; Chagas (1997) apresenta relações entre a Musicoterapia e uma forma de psicoterapia que utiliza princípios da Psicanálise de Wilhelm Reich (1897-1957); Cirigliano (1998) articula conceitos de Musicoterapia e Psicanálise.

Passando então aos resultados obtidos nos artigos de caráter prático, destacamos o fato de que dos vinte e oito (28) textos identificados no período como relatos clínicos, de experiência ou baseados em pesquisa, vinte (20) apresentaram congruência com as delimitações de Musicopsicoterapia propostas por Bruscia (1998) e Wheeler (1983). Isto nos sugere uma prevalência de musicoterapeutas atuando orientados por uma prática musicopsicoterapêutica durante os anos de 1996 e 2010, ainda que isso não tenha sido explicitamente enunciado em nenhum dos artigos empíricos analisados. Contudo, esta inferência parece ter forte correlação com os resultados da análise dos artigos teóricos apresentada anteriormente, onde a Musicoterapia de caráter psicoterapêutico é debatida explicitamente.

Sobre a análise dos artigos quanto à prática da Musicopsicoterapia segundo o nível e tipo de uso do discurso verbal, primeiramente é preciso dizer que nos deparamos com uma descrição bastante pobre do processo musicoterapêutico em si. Ou seja, muitos autores não apresentaram detalhamento claro de como o musicoterapeuta utilizava a música e a palavra no processo terapêutico, se limitando na maioria das vezes a citar as experiências musicais (Bruscia, 2016) empregadas e as impressões do musicoterapeuta sobre seus pacientes. A este respeito é possível que tenha sido uma escolha dos musicoterapeutas da época não inserir em seus artigos descrições do uso da música utilizando notação musical, por exemplo, talvez com o objetivo de ampliar o público leitor. Outra hipótese de justificativa da ausência de detalhes

sobre o uso da música e discurso seria o menor acesso a recursos para gravação de sessões. Neste sentido, notamos que dentre os artigos analisados, aquele que mais nos trouxe minúcias em relação ao uso da música e ao uso da palavra tratou-se de um processo breve, individual e pautado no uso da audição de canções populares, conduzido por Jesus (1996b), o que aparentemente facilitou o detalhamento sobre as músicas utilizadas e as consequentes experiências da paciente.

Diferentemente da análise realizada nos artigos teóricos (que produziu códigos para confirmação do tema pesquisado), na análise dos artigos práticos os códigos previamente estabelecidos pela teoria foram procurados nos extratos textuais, a fim de classificar cada artigo em relação a nossa pergunta de pesquisa. Assim, confirmamos a presença do tema “Prática da Musicopsicoterapia segundo o nível e tipo de uso do discurso verbal” no corpo de dados, o que nos permitiu aprofundar nossa análise verificando os padrões de recorrência de cada nível e tipo de uso do discurso verbal como recurso técnico em processos musicoterapêuticos.

Os níveis de uso da palavra com maior recursividade foram os níveis um (1) – “Música como psicoterapia” e dois (2) – “Psicoterapia centrada na música”, propostos por Bruscia (1998), sendo encontrados em noventa por cento (90%) dos artigos analisados. Apenas dois (2) trabalhos apresentaram elementos de uso do discurso verbal coerentes com o nível três (3) – “Música em Psicoterapia” e nenhum dos vinte (20) artigos de caráter prático apresentou códigos que os identificassem no nível quatro (4) – “Psicoterapia Verbal com Música”. Entre os artigos que apresentaram uso do discurso verbal compatível com o nível três (3) – “Música em Psicoterapia”, um (1) tratava de um atendimento a uma pessoa idosa em fase terminal e um (1) abordou atendimentos realizados em oficinas terapêuticas no campo da saúde mental.

Todos esses resultados nos sugerem uma prática musicopsicoterapêutica centrada muito mais na música do que no uso da palavra, para estabelecimento da relação e consecução dos objetivos terapêuticos propostos. Prioritariamente, os musicoterapeutas tendiam a usar a experiência musical para acessar e trabalhar as questões terapêuticas, sem, contudo, deixar de utilizar o discurso verbal para “agregar valor” ao processo terapêutico do cliente. É importante ressaltar que a centralidade da música a que nos referimos aqui está inserida em

um contexto de prática musicoterápica orientada para a psicoterapia⁷, conforme verificamos em nossas análises. A seguir um exemplo textual que dialoga com estes resultados:

Numa sessão posterior, em que C. estava acompanhado por seu pai, colocou os triângulos sobre o metalofone e pediu para cantarmos "Minha Casinha". Num determinado momento, ele disse que não queria mais cantar. Voltou-se para seu pai e começou a falar. Falava num tom triste e profundo, sem choramingar, sem prestar a menor atenção à nossa presença. Este menino de apenas 4 anos, falou sobre quando foi internado no dia 12 de agosto, depois do seu aniversário (Gallichio, 2001, p.85) [Nível 1 - Música como psicoterapia]

Identificamos também doze (12) artigos congruentes com a “Musicoterapia como terapia de atividade” e oito (8) com a “Musicoterapia de insight com objetivos reeducativos”, segundo a classificação de Barbara Wheeler (1983) para a Musicopsicoterapia. De acordo com a autora, nestes dois (2) tipos de prática o uso do discurso verbal está centrado ou na atividade musical em si, ou nos sentimentos percebidos pelo cliente durante a experiência musical, não havendo aprofundamento em questões da ordem do inconsciente evocadas pela música. Um exemplo deste tipo de Musicopsicoterapia encontrado nos artigos é seguinte

A sua última música, da qual cantou somente uma frase por três vezes, chamou a atenção ("Chora coração, passarinho na gaiola, feito gente na prisão"). Faz-se um questionamento a partir deste fato. Quais seriam as funções deste canto? Comunicativo, resgate, insight e/ou alerta a todo esse sistema institucional, aos profissionais e a esse demorado processo de desinstitucionalização? (Zanini, 2002, p.105) [MT - Insight/Reeducativa].

Não encontramos nenhum artigo que pudesse ser alinhado como “Musicoterapia de insight com objetivos reestruturativos”. Este último achado juntamente com a ausência de artigos classificados no nível quatro (4) –“Psicoterapia Verbal com Música” proposto por Bruscia (1998) nos levou a duas suposições.

A primeira que dentro do período analisado o trabalho do musicoterapeuta buscava a afirmação de uma identidade profissional (Santos, 2011; Godoy, 2015). De modo que o aprofundamento técnico e a utilização dos recursos da psicoterapia verbal no processo musicoterapêutico poderiam levar a prática da Musicoterapia a uma zona onde este limite

⁷No Brasil a psicoterapia não é uma atividade privativa da psicologia ou de qualquer outro campo profissional. Sua prática é livre, não havendo regulamentação geral para seu exercício. Contudo, considerando as implicações éticas e iatrogênicas envolvidas em um processo psicoterapêutico, sugerimos aos profissionais que atuam com esta abordagem uma consulta, para conhecimento, à Resolução nº 13, de 15 de junho de 2022 do Conselho Federal de Psicologia do Brasil, que dispõe sobre diretrizes e deveres para o exercício da psicoterapia por psicólogas e por psicólogos.

identitário seria bastante permeável, já que o uso da palavra como forma de terapia está intimamente ligado à atuação do psicólogo ou do psicanalista, por exemplo.

A segunda suposição com base no material analisado é de que o uso do discurso verbal orientado para o insight pode não ter sido uma ferramenta terapêutica tão utilizada devido às populações atendidas: crianças e portadores de transtornos mentais. Públicos que, por sua condição, costumam apresentar limitações em relação à capacidade de expressão verbal. Dentre os vinte (20) artigos práticos analisados apenas cinco (5) relatavam intervenções junto aos pacientes adultos e com estado geral de saúde mental preservada. Sendo os trabalhos relatados com estes clientes justamente aqueles onde encontramos a utilização do discurso verbal em nível dois (2) –“Psicoterapia centrada na música” associada à “Musicoterapia de insight com objetivos reeducativos”, o que indica a maior utilização do discurso verbal no processo musicopsicoterapêutico.

5. Considerações finais

Iniciamos este trabalho nos questionando sobre as relações entre Musicoterapia e psicoterapia, e ao final concluímos que ambas têm forte afinidade. Ainda que agora saibamos juntamente com Barcellos (2004) que “nem toda Musicoterapia é uma psicoterapia” (p.10), constatamos que a *Musicoterapia como forma de psicoterapia* e a *Musicopsicoterapia em seus diversos níveis e tipos de prática* estavam presentes na produção textual do *Brazilian Journal of Music Therapy* entre os anos de 1996 e 2010. Ou seja, mesmo que a prática da Musicopsicoterapia não tenha sido enunciada explicitamente, seus elementos se mostraram presentes nos dados analisados.

Evidentemente sabemos que estes são resultados limitados, e que não é possível generalizá-los para todo o campo da Musicoterapia no Brasil. Entretanto eles nos mostram ser fundamental o debate e o fomento da pesquisa sobre a prática da Musicopsicoterapia. Considerando que os elementos da psicoterapia estão presentes na prática musicoterapêutica, é imprescindível que o profissional possa diferenciar a prática clínica embasada por abordagens teóricas da Psicologia, de uma proposta de atuação direcionada estritamente para objetivos psicoterapêuticos. Compreendemos que esta capacidade de delimitar campos e de atuar de forma inter ou mesmo transdisciplinar tem diversas implicações para a profissão, inclusive no que se refere ao campo da ética nas relações de ajuda. Por tanto parece necessário

para a formação do musicoterapeuta (na graduação ou pós) o aprofundamento teórico e prático em temas conexos à Musicoterapia como forma de Psicoterapia.

Outro ponto que torna relevante uma ampliação do debate sobre a Musicopsicoterapia é a possibilidade de que o campo de atuação clínica do musicoterapeuta esteja em expansão em nosso país. Isso ampliaria o alcance de públicos até então pouco atendidos nos consultórios de Musicoterapia, tais como adolescentes e adultos dentro do espectro “normal” de saúde mental, em busca da Musicoterapia como uma forma de psicoterapia, autoconhecimento e desenvolvimento pessoal.

Por fim, encerramos este trabalho, conscientes de que ainda há muito a ser sistematizado sobre a Musicoterapia como uma forma de psicoterapia no Brasil. Portanto, esperamos que este texto seja um incentivo ao enfrentamento teórico e metodológico do tema por todos os profissionais e acadêmicos interessados na prática da Musicopsicoterapia.

Referências

- Abraão, V. B. B. (2018). *Semântica, enunciação e ensino*. Edufes. <https://edufes.ufes.br/items/show/481>.
- Barcellos, L. R., & Santos, M. A. (1996). A Natureza Polissêmica da Musica e Musicoterapia. *Brazilian Journal of Music Therapy*, (1). <https://musicoterapia.revistademusicoterapia.mus.br/index.php/rbmt/article/view/6>
- Barcellos, L. R. M. (2004). *Musicoterapia: alguns escritos*. Enelivros.
- Barcellos, L. R. M. (2009). *A música como metáfora em Musicoterapia*. [Tese de Doutorado em Música, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro]. <http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/handle/unirio/11571?show=full>
- Barcellos, L. R. M. (2016). Revisando o passado: a trajetória da Revista Brasileira de Musicoterapia e a sua contribuição para o desenvolvimento da área no país. *Brazilian Journal of Music Therapy*, (20). <https://Musicoterapia.revistademusicoterapia.mus.br/index.php/rbmt/article/view/89>
- Benenson, R. O. (1985). *Manual de Musicoterapia*. Enelivros.
- Benezon, R. O. (1996). Transferência e contratransferência em musicoterapia. *Brazilian Journal of Music Therapy*, (2). <https://www.revistademusicoterapia.mus.br/10-transferencia-e-contratransferencia-em-musicoterapia/>
- Benenson, R. (2001). La Supervisión: El gran ausente em La formación del Musicoterapeuta. *Brazilian Journal of Music Therapy*, (5). <https://musicoterapia.revistademusicoterapia.mus.br/index.php/rbmt/article/view/338>
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77-

101. https://www.researchgate.net/publication/235356393_Using_thematic_analysis_in_psychology

- Bruscia, K. E. (1998). An introduction to music psychotherapy. In K. E Bruscia (Ed.), *The dynamics of music psychotherapy* (pp. 1-15). Barcelona Publishers. <https://ebookcentral.proquest.com/lib/ufmgbr/home.action>
- Bruscia, K. E. (2016). *Definindo Musicoterapia* (M. Leopoldino, Trad.) (3rd ed.). Barcelona Publishers. Doi: E-ISBN: 9781945411014.
- Chagas, M. (1997). Musicoterapia e Psicoterapia Corporal. *Brazilian Journal of Music Therapy*, (3). <https://musicoterapia.revistademusicoterapia.mus.br/index.php/rbmt/article/view/140>
- Cordioli, A. V., & Grevet, E. H. (Org.) (2019). *Psicoterapias: Abordagens Atuais* (4th ed., E-pub). Artmed Editora.
- Gallichio, M. E. (2001). Pedro e o Lobo: Musicoterapia com crianças em Quimioterapia. *Brazilian Journal of Music Therapy*, (5). Recuperado de <https://musicoterapia.revistademusicoterapia.mus.br/index.php/rbmt/article/view/341>
- Godoy, D. A. (2015). *Além do musicoterapeuta: um estudo sobre identidade do musicoterapeuta e seu reconhecimento, fundamentado no sintagma identidade-metamorfose-emancipação*. [Dissertação de Mestrado em Psicologia Social, Pontífca Universidade de São Paulo] <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/17100>
- Lapoujade, C., & Lecourt, E. (1996). A Pesquisa Francesa em Musicoterapia. *Brazilian Journal of Music Therapy*, (1). <https://musicoterapia.revistademusicoterapia.mus.br/index.php/rbmt/article/view/119>
- Lopez, A. L. L., & Carvalho, P. (1996). Musicoterapia utilizada no tratamento de artrite reumatóide juvenil. *Brazilian Journal of Music Therapy*, (2). <https://musicoterapia.revistademusicoterapia.mus.br/index.php/rbmt/article/view/130>
- Jesus, J. P. de. (1996a). Determinismo Musicoterápico. *Brazilian Journal of Music Therapy*, (2). <https://musicoterapia.revistademusicoterapia.mus.br/index.php/rbmt/article/view/135>
- Jesus, J. P. de. (1996b). Musicoterapia Breve com uma paciente que me foi apresentada como terminal. *Brazilian Journal of Music Therapy*, (2). <https://musicoterapia.revistademusicoterapia.mus.br/index.php/rbmt/article/view/136>
- Souza, L. K. (2019). Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 71(2), 51-67. <https://dx.doi.org/10.36482/1809-5267.ARBP2019v71i2p.51-67>
- Hugo, M., & Schapira, D. (2004). El Método Plurimodal como herramienta de evaluación del paciente em Salud Mental. *Brazilian Journal of Music Therapy*, (7). <https://musicoterapia.revistademusicoterapia.mus.br/index.php/rbmt/article/view/319>
- Reses, G., & Mendes, I. (2021). Uma visão prática da Análise Temática: Exemplos na investigação em Multimídia em Educação. In A. P. Costa, A. Moreira, & P. Sá (Eds.), *Reflexões em torno de Metodologias de Investigação: análise de dados (Vol. 3)* (pp. 13-26). UA Editora. Universidade de Aveiro. <https://doi.org/10.34624/dws9-6j98>

- Ruud, E. (2010). *Music therapy: A perspective from the humanities*. Barcelona Publishers.
- Santos M.S. (2011). *Contemporaneidades e Produção de Conhecimento: A Invenção da Profissão de Musicoterapeuta*. [Tese de Doutorado em Psicossociologia e Ecologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro]. http://pos.eicos.psicologia.ufrj.br/wp-content/uploads/2011_DOUT_Marcello_da_Silva_Santos.pdf
- Schembri, M. (1996). O Resgate da Identidade Feminina Através da Musicoterapia. *Brazilian Journal of Music Therapy*, (1). <https://musicoterapia.revistademusicoterapia.mus.br/index.php/rbmt/article/view/124>
- Severino, A. J. (2014). *Metodologia do trabalho científico*. Cortez Editora.
- Smeijsters, H. (1993). Music therapy and psychotherapy. *The Arts in Psychotherapy*, 20(3), 223-229. [https://doi.org/10.1016/0197-4556\(93\)90017-v](https://doi.org/10.1016/0197-4556(93)90017-v)
- Wheeler, B. L. (1983). A psychotherapeutic classification of music therapy practices: A continuum of procedures. *Music Therapy Perspectives*, 1(2), 8-12. <https://doi.org/10.1093/mtp/1.2.8>
- Zanini, C. R. de O. (2002). Musicoterapia: Semelhanças e Diferenças na Produção Musical de Alcoolistas e Esquizofrênicos. *Brazilian Journal of Music Therapy*, (6). <https://musicoterapia.revistademusicoterapia.mus.br/index.php/rbmt/article/view/331>